

5 O estudo dos dados

“ Um excelente educador
não é um ser humano
perfeito, mas alguém que
tem serenidade para se
esvaziar e
sensibilidade para aprender.”
(Cury, 2003, p.17)

Este capítulo tem por finalidade responder as perguntas que serviram de motivação para a presente pesquisa.

As ferramentas descritas no capítulo anterior foram utilizadas de modo a verificar se é possível

- Colocar em prática uma teoria sócio - construcionista, numa turma numerosa, utilizando a imagem como meio para este fim.
- Observar o uso que os alunos fazem do texto visual em seus processos de aprendizagem.
- Entender que as interpretações dos aprendizes para os textos visuais estudados perpassem, ainda que, intuitivamente, as categorias propostas por Kress e van Leeuwen (1996), ou seja, que as propostas dos alunos possam ser explicadas à luz das teorias desses autores.
- Afirmar que o uso das imagens em sala de aula associadas ao conteúdo programático de Língua Portuguesa servem como ponte entre os alunos e o mundo exterior

Para o estudo dos questionários foi feita uma tabulação (anexo 7) a fim de facilitar a verificação do número de alunos que preferem uma determinada atividade a outra. Não obstante como esta pesquisa não teve caráter quantitativo e sim qualitativo - pesquisa de diagnóstico - (Moita Lopes, 2006), houve uma preocupação maior em averiguar a justificativa dos alunos para as questões propostas no questionário. Nesse sentido, foi mais interessante para este trabalho de pesquisa verificar as explicações que os alunos deram para as suas preferências. Assim, dá-se voz ao aluno, possibilitando que ele exerça seu papel

de sujeito (Freire, 1979 e van Lier, 2000).

5.1

O estudo dos questionários

O questionário foi preparado com a intenção de fazer com que os próprios alunos pudessem responder às duas primeiras perguntas feitas no início deste capítulo.

Tais perguntas fazem referência ao dinamismo que o uso da imagem pode gerar durante a aula, além do debate que pode ser criado, permitindo que a construção dos significados aconteça de forma interativa na sala de aula. Não se pretende aqui dizer que a imagem por si só seja geradora do dinamismo almejado, uma vez que outras questões estão envolvidas. Parte-se então da empatia da professora com a turma e vice-versa, além do contexto já descrito em relação ao Colégio Naval e o modo como essas imagens são utilizadas.

Cento e doze alunos preencheram o questionário (num total de 240 alunos do primeiro ano do Ensino Médio) e não colocaram seus nomes para que as suas opiniões fossem as mais sinceras.

5.1.1

Sobre a atividade preferida

A primeira pergunta foi feita para saber qual a atividade preferida pelos alunos (dentre as que foram propostas pela professora Daisy).

Para este questionamento, mais da metade dos alunos (53%) prefere as atividades que envolvam imagens, principalmente aquelas em que os alunos devem interpretá-las. De um modo geral, os alunos gostaram dessas atividades porque, segundo os próprios, a aula torna-se mais interessante, descontraída, dinâmica, participativa. Eles disseram ser um tipo de atividade que “estimula o raciocínio” e “é importante porque leva em conta todas as opiniões dos alunos”.

Alguns alunos deram respostas bastante interessantes para essa pergunta como as expostas nos tópicos a seguir:

- ◆ *Prefiro o trabalho com imagens, porque cada pessoa tem um ponto de vista e com essas atividades podemos perceber o ponto de vista do outro.*

- ◆ *Prefiro as interpretações de imagens porque trabalham conteúdos diversos e interessantes.*
- ◆ *Gosto mais das atividades com imagens porque levam a turma a uma interação maior, além de ser um desafio interpretar e **sentir a obra**.*
- ◆ *Prefiro as interpretações de charges, caricaturas e quadros porque tornam as aulas mais participativas.*
- ◆ *Gosto das que trabalham com imagens porque estimula o raciocínio e desenvolve no aluno a busca pela interpretação.*
- ◆ *A interpretação a partir das imagens porque a professora me ajudou a perceber o quão importante é a interpretação para um Oficial de Marinha.*
- ◆ *Quando interpretamos imagens passamos a ter uma maior visão das coisas.*

Este último aluno parece querer dizer que se tornou um aluno mais crítico em relação às situações do cotidiano, entretanto, como não houve outro contato com os alunos após o preenchimento do questionário, essa interpretação foi subentendida pela própria pesquisadora.

Uma outra atividade bastante citada, em relação ainda a primeira pergunta, foi a que envolve música. Os alunos se mostraram entusiasmados pelas aulas em que a professora Daisy leva uma música para ser ouvida e trabalhada em sala. Apesar dessa atividade ter sido a segunda mais citada, o número de alunos que a prefere é bem inferior a primeira colocada. Enquanto mais da metade da turma prefere as atividades com imagens, 29% da turma preferem as que envolvem música.

Houve uma porcentagem dos alunos (11%) que dissesse que prefere qualquer atividade que envolva debate. Pelo que pode ser assistido das aulas do primeiro ano, todas as atividades com imagens foram grande incentivadoras de debates entre a professora Daisy, os alunos e a professora-pesquisadora.

Dessa forma, pode-se concluir que esses onze por cento também poderiam ser somados aos 53% que preferem tarefas com textos visuais.

Sobre essa questão do debate algumas respostas foram:

- *Prefiro as atividades com debates, pois nos forçam a raciocinar e refletir*

sobre o assunto, ampliando nosso poder de imaginação. Além do fato de descontrair a aula.

- *Prefiro as atividades com debates pois nos forçam a raciocinar e refletir sobre o assunto, ampliando nosso poder de imaginação. Além do fato de descontrair a aula.*
- *Gosto das atividades de debate, pois é interessante opinar e escutar a opinião dos outros alunos.*

Na medida em que a maioria dos alunos inseridos nesta pesquisa se mostra interessada em atividades com debates, isso comprovaria que é possível estabelecer uma relação na qual ensino e aprendizagem podem ser construídos e não simplesmente que um conhecimento é transmitido de um para o outro.

Outras atividades citadas, porém um número bem pequeno de alunos foram as atividades em grupo, tarefas com notícias, placas de rua, redação entre outras²⁵.

Através desses números e das respostas dadas pelos alunos, pode-se concluir que de fato o texto visual é um grande dinamizador do processo ensino-aprendizagem na concepção dos próprios alunos, sendo essa uma percepção que se alinha com uma das questões mais importantes para esta pesquisa.

5.1.2 Sobre a efetiva participação dos alunos

Apesar de alguns alunos preferirem as aulas em que não são utilizadas imagens, setenta e nove por cento deles admitem participar mais das aulas quando o trabalho multimodal está presente.

Eles próprios dizem em seus questionários que associar as imagens ao conteúdo torna a aula mais fácil de ser entendida, além de contribuir para que um número maior de alunos tenha a oportunidade de se colocar para o grupo.

Em relação a esta segunda pergunta do questionário, que pretendia averiguar quando a participação dos alunos é maior em sala (se quando é utilizada imagem ou o texto escrito), a maioria das respostas foram parecidas as transcritas abaixo:

- Na verdade, só presto atenção quando a aula envolve imagem ou*

²⁵ Para saber exatamente quais atividades foram citadas e o percentual de cada uma delas, ver anexo 7.

outros recursos como música.

- Participo mais das aulas com imagem, pois estas incentivam a pensar mais e de forma mais descontraída do que com um texto escrito.*
- Participo mais com imagens porque todos os alunos dão suas opiniões sobre elas.*
- Participo das aulas com imagens. A aula fica mais dinâmica, nos faz perceber detalhes. Acompanho a aula com gosto a partir do momento que posso me expressar livremente.*

Alguns alunos deram suas respostas em função do sono que sentem durante as aulas. Pensando no fato de que os alunos do Colégio Naval possuem uma rotina bem diferente dos alunos civis, é comum essa cena dos alunos dormirem em sala. No entanto, tal prática é proibida dentro de sala de aula e o professor tem que a todo instante tomar providências para que isso não ocorra. Em alguns momentos é solicitado para que os alunos fiquem de pé no fundo da sala durante a aula, evitando assim que durmam. Essa situação fica ainda pior quando os alunos ficam de serviço de madrugada e devem ir direto para a sala de aula.

A partir desse contexto, é imprescindível procurar novas técnicas e atividades para serem utilizadas nas aulas do Colégio Naval de modo a despertar a atenção dos alunos e a participação deles, evitando que durmam é imprescindível.

Pelo exposto acima foi bastante gratificante ler algumas respostas dadas a essa pergunta número dois, em que eles alegavam que as atividades com slides de imagens “tiravam o sono deles”.

Pouquíssimos alunos (apenas três) disseram não participar das aulas por acharem uma perda de tempo esse trabalho com textos visuais.

5.1.3 A internalização dos conteúdos

A terceira pergunta do questionário visava descobrir de que forma o aluno internaliza melhor o conteúdo das aulas. Tal questionamento foi pensado, uma vez que a professora Daisy costuma associar seus conteúdos tanto a textos visuais, quanto a textos escrito.

Com relação a essa pergunta, mais da metade da turma (58%) afirma assimilar melhor o conteúdo de Língua Portuguesa através da associação deste ao texto visual.

Houve aqueles que admitiram que preferem quando só o texto escrito é trabalhado, outros que alegaram que a preferência por uma forma ou outra depende do conteúdo a ser ensinado e houve ainda quem dissesse internalizar bem o conteúdo independente da forma de trabalho adotada pela professora.

Apesar de não terem conhecimento sobre o sócio-construtivismo, não saberem do que esse termo se trata, alguns alunos deram respostas que nos permite concluir que trabalhar o conteúdo da aula através de imagens, não é simplesmente transmitir um conhecimento de um pólo para o outro, mas sim propor uma reflexão conjunta a cerca do tema abordado.

Algumas respostas, nesse sentido, para essa pergunta três foram:

- Internalizo melhor com imagens, porque quando trabalhamos com elas ocorre um maior entendimento do que com textos escritos. **Com um texto escrito fica mais fácil decorar a matéria e decorar não é aprender.***
- Com imagens o conteúdo é passado com o que é mais importante, facilitando a reflexão e o entendimento sobre o assunto.*
- Através das imagens. A matéria fica fixada melhor na mente do aluno através de retratos, histórias em quadrinhos, etc. **Às vezes o aluno decora com exemplos de frases, com imagens, ele entende.***
- Entendo melhor com as imagens pois permite que cada um tenha sua interpretação, diferente do texto escrito que pode induzir a um único estilo de pensamento.*

De acordo com essa última resposta, “por um único estilo de pensamento”, pode-se entender que através do slide com texto escrito ou da fala da professora Daisy, o aluno tem de captar a mensagem e entender o conteúdo que é passado de uma única forma. Ou seja, ele deve assimilar aquilo que faz sentido para a professora Daisy ou para o próprio autor do texto. Com a associação do conteúdo às imagens, o aluno interpreta a seu modo, checa se seu entendimento faz sentido através dos debates e o internaliza de acordo com suas próprias conclusões. Em outros termos, o aluno reflete um processo em que os alunos acabam colaborando uns com outros na construção do

conhecimento sobre o tópico.

O confronto de opiniões e pontos de vista fundamentados faz parte da necessidade de entendimento e de superação do achismo. Procurar a herança do agora, discutindo as diferentes perspectivas em jogo, faz com que professores e alunos conquistem a possibilidade de rearticular o conhecimento de forma organizada, sem a imposição de uma única resposta, sempre parcial. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1999, p. 20)

Alguns alunos também disseram assimilar melhor com imagens porque elas trazem situações do dia-a-dia que eles “não sabiam que existiam ou nunca tinham refletido sobre elas”. Talvez os alunos pudessem ter explicitado melhor que situações são essas, mas ainda sim se pode dizer que a imagem pode sim servir como uma ponte entre esses alunos (de um sistema de internato) e o mundo externo.

Um fato que chamou bastante atenção, sobre essa questão da internalização do conteúdo, foi o grande número de alunos que fizeram associações entre imagens e memória. Ou seja, muitos alunos alegaram que “aprendem” melhor com imagens, porque dessa forma “a informação fica na memória fotográfica, memória visual” ou usaram o termo: “fica na memória”.

- *Com a imagem há uma maior memorização fotográfica da aula e dos conteúdos dados.*
- *Através de imagens, pois elas são fáceis de serem absorvidas pela memória.*
- *Através de imagens, nós lembramos da matéria.*
- *Assimilo melhor com imagens, pois uso a minha memória visual e assim recordo mais facilmente do conteúdo.*
- *Imagens muitas vezes ficam gravadas no cérebro de forma mais fácil.*

Esta pesquisa não teve por finalidade averiguar essa relação que a imagem exerce no sistema cerebral, mas pelo grande número de alunos que relataram aprender melhor por esse motivo, seria pertinente fazer um estudo posterior sobre essa questão.

5.1.4 A preferência pelos recursos utilizados

Quanto aos materiais e aos recursos utilizados pela professora, quase

metade da turma (47%) tem preferência por aulas dadas com imagens por slides. Esse fato apenas confirma os itens anteriores já analisados.

Dentre outros recursos citados como vídeos, resumos, apostilas de exercícios e livro didático, o segundo mais recorrente foi o uso do som. Trinta e dois por cento dos alunos disseram gostar quando a professora o aparelho de som e coloca a letra da música no slide para ser trabalhada.

Sobre esse aspecto dos recursos e materiais didáticos, novamente os alunos mencionaram a questão do sono. Eles defendem que o uso do data show para apresentar imagens e o som permite que eles participem sem sentirem sono.

5.1.5

O interesse pelas imagens

Conforme os dados desta pesquisa foram sendo analisados, fui tendo a sensação de que todo esse desgastante processo teria sido meio óbvio. Digo isso, porque parecia realmente ser fato que numa geração de adolescentes voltada para a internet, video games, salas de bate papo e MP4, o interesse deles pela modalidade visual seria apenas uma consequência natural do estilo de vida que levavam, nada além disso. Nesse sentido, me senti como se estivesse pesquisando algo, que de certa forma, já soubesse a resposta e isso me fazia sentir um tanto quanto decepcionada por ter apostado tanto no óbvio.

Entretanto, essa desmotivação foi substituída por uma surpresa muito grande ao conferir as respostas que esses adolescentes deram a pergunta número cinco. Tal questão pretendia verificar como havia ficado o interesse deles para o texto visual após as aulas da professora Daisy. O objetivo era conferir se realmente as respostas dadas aos itens anteriores aconteceram porque as imagens já faziam parte da vida deles e por isso era uma situação mais confortável ou se foi algo novo e até que ponto eles passaram a se interessar mais por esse tipo de texto.

Surpreendentemente, 82% dos alunos responderam que nunca tinham se atentado para as mensagens que uma imagem tem a dizer. Disseram ainda que nunca prestavam atenção às imagens por não entenderem nada sobre as mensagens que elas têm a transmitir.

Houve também quem dissesse que não se interessa por textos visuais e que mesmo após as aulas da professora Daisy continuam não se interessando.

Porém esse número foi bastante pequeno (apenas 3%).

Um outro número pequeno (12%) revelou que alguns alunos que já se interessavam por imagens antes e as aulas não foram as incentivadoras desse gosto por imagens.

No entanto, como esta pesquisa não é quantitativa, será retomado o aspecto da maioria dos alunos confessarem que não se importavam com a presença da multimodalidade que os cerca. Foi muito satisfatório descobrir que as aulas de Língua Portuguesa da professora Daisy puderam contribuir para motivar esses alunos a valorizar textos visuais. Isso me faz novamente perceber o quão importante é o papel do professor em sala de aula e a sua maneira de lidar com o processo de ensino-aprendizagem, pois ele lida diretamente com a formação dos alunos, podendo contribuir de forma extremamente proveitosa para o futuro dos seus alunos, ou não os motivando a nada ainda sendo aquele tipo que causa traumas irrecuperáveis para a vida de um ser humano.

Algumas respostas dos alunos a essa questão 5 foram:

- *Fiquei muito interessado em imagens porque percebi que é necessário descobrir o que elas têm a nos dizer. Isso é muito interessante.*
- *A partir dessas aulas, comecei a buscar imagens na internet e tentar entender o que o “autor” daquela quis passar para o público.*
- *Após as aulas aprendi a importância da interpretação das imagens.*
- *As aulas aguçaram meu olhar para qualquer imagem.*
- *Passei a refletir mais ao observar uma imagem.*
- *Passei a ser mais observador.*
- *Fiquei transformado*
- *As aulas com imagens ampliaram os meus questionamentos e olhar crítico.*
- *Tenho uma visão mais crítica das coisas agora.*
- *Minha visão mudou muito. Hoje noto coisas que antes não dava importância.*
- *Comecei a olhar as imagens com visão mais crítica, tentando compreender o que o autor quis transmitir.*
- *Percebo agora que certas imagens têm significados além do que parece num primeiro momento. Antes eu não percebia isso.*
- *Agora olho as imagens e as analiso com um ponto de vista mais crítico, tentando não só olhar, mas lê-la, interpretá-la.*
- *Antes dessas aulas, minha interpretação era falha. Através das imagens*

aprendi a perceber pequenos detalhes que fazem toda a diferença para um bom entendimento de um texto.

- *Tenho mais atenção para as imagens ao meu redor, pois percebi que muitas têm informações importantes que, às vezes, passam despercebidas por falta de atenção.*
- *Passei a querer saber a origem de cada imagem.*
- *Meu interesse melhorou muito, pois essas aulas demonstraram que gramática e interpretação não se limitam a textos escritos.*
- *Agora tento decifrar cada detalhe das imagens e acho isso fascinante.*

Com essas respostas pode-se verificar que de fato o trabalho de associação do conteúdo de Língua Portuguesa às imagens faz com que os alunos tornem-se pessoas mais críticas, cumprindo assim uma das competências estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p. 22)

Utilizar-se das linguagens como um meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção.

[...] São muitas as janelas a serem abertas para se escrever um texto por exemplo. Se o aluno não aprender a abri-las, as chances de não se chegar a lugar algum ou de não atender aos objetivos propostos é grande.

Além dessas respostas houve outras em que os alunos disseram terem ficado “mais críticos em relação às situações que os cercam”; alegaram que suas interpretações tanto de textos visuais quanto de textos escritos melhoraram muito e houve aqueles que admitiram terem se tornados pessoas “mais observadoras e detalhistas”.

Alguns responderam que o interesse pela modalidade visual aumentou em função de perceberem o debate que elas são capazes de provocar nas aulas.

- *Meu interesse aumentou pois a aula tornou-se mais dinâmica, com um debate maior.*
- *Passei a ficar menos cansado porque a aula também ficou menos cansativa.*
- *Meu interesse aumentou porque as imagens abrem mais oportunidades*

para o debate durante a aula.

Partindo do pressuposto que um dos objetivos desta pesquisa é verificar se é possível um trabalho sócio-construtivista em turmas numerosas como as do Colégio Naval, a partir das respostas dos alunos podemos responder que sim. As imagens provocam, segundo os próprios alunos, interação, o compartilhamento de experiências humanas (sugerido pelas referências aos debates em sala), a circulação de sentidos que vão posteriormente gerar um conhecimento, ou seja, o uso do texto visual para lecionar Língua Portuguesa gera uma comunicação que “reflete a realização social em símbolos que ultrapassa as particularidades do sujeito, que passa a ser visto em interação com o outro” (PCN, 1999). O professor deixa de ser visto como um detentor de saberes e os alunos-participantes passam a colaborar na reflexão sobre o conhecimento.

5.1.6 A escolha de um conteúdo

Finalmente o questionário pretendia que os alunos citassem um dos conteúdos já trabalhados pela professora Daisy sobre o qual eles se sentem confiantes para dissertar.

Nesse ponto da pesquisa as opiniões foram bastante diversas, mas as três respostas que mais apareceram foram:

- *As aulas sobre funções da linguagem.*
- *As aulas sobre figuras de linguagem.*
- *As aulas em que o conteúdo foi explorado por imagens.*

A maioria das justificativas para essas escolhas foi:

- *Me sinto confortável para falar sobre funções da linguagem porque deu para entender melhor vendo o que as imagens mostravam.*
- *Funções da linguagem por terem sido apresentadas imagens o que tornou mais fácil a aprendizagem.*
- *Figuras de linguagem porque a aula foi bastante dinâmica.*

- *Funções por causa dos quadros propostos. Nessas aulas houve maior possibilidade de participação na aula e de integração com a professora.*
- *Qualquer aula com interpretação de pinturas e imagens, porque ajudou a desenvolver a minha interpretação.*

Pode-se observar que todas essas escolhas dos alunos se relacionam a imagens, porque tanto na aula de funções da linguagem, quanto na de figuras de linguagem foram utilizados exemplos visuais. Além disso, a terceira resposta não menciona uma aula, um conteúdo em especial, mas faz referência a qualquer aula que tenha se valido do texto visual para a construção dos significados.

5.2

A observação das aulas

As aulas foram observadas seguindo os procedimentos de análise do anexo 6.

De um modo geral pode-se observar que o comportamento dos alunos em relação às aulas com imagens foi bem diferente daquele notado para as aulas sem textos visuais.

Na aula sobre Funções da Linguagem²⁶, as cinco turmas de primeiro ano foram observadas e as reações foram muito positivas. Nas cinco turmas o comportamento observado foi o mesmo, mas é necessário esclarecer que obviamente para cada pergunta feita pela professora as respostas eram as mais variadas. O mesmo ocorre em relação às opiniões que os alunos deram livremente à medida que as imagens iam sendo mostradas. Nesse sentido não se pode dizer que há uma uniformidade, mas para fins desta seção está se levando em consideração apenas as manifestações em relação a comportamento.

A professora Daisy utilizou muitas imagens para tratar do assunto – Funções – e fez com que os alunos dessem suas opiniões sobre o que estavam vendo para só então chegar a uma conclusão da definição de determinada função.

Com essa metodologia, muitos alunos levantavam a mão para participar independente da solicitação da professora, comentando entre si os tópicos discutidos na aula. Não houve oportunidade para conversa paralela sobre

26 Os slides apresentados nessa aula podem ser vistos no anexo 8, pg.166

assuntos alheios, portanto a professora não precisou em momento algum (nas cinco turmas) interromper a aula pedindo silêncio.

Foi muito importante perceber como os alunos conseguem concluir a partir das imagens o que cada função tem por finalidade. Um exemplo disso aconteceu logo que a professora mostrou aos alunos um slide com uma foto do nadador Thiago Pereira, segurando inúmeras medalhas. A professora então perguntou o que os alunos podiam ver. Eles começaram a falar que aquele era um nadador famoso e que ganhou várias medalhas nos últimos jogos pan-americanos realizados no Rio de Janeiro. Disseram ainda que o Thiago também ficou muito conhecido pelo fato da sua mãe ir a todas as competições e acabar chamando muita atenção pela torcida que fazia, entre outros fatos.

A professora então perguntou se eles próprios percebiam o que estavam fazendo e eles responderam que estavam explicando para ela de forma objetiva e com clareza o que aquela imagem representava. A professora então afirmou que eles já haviam percebido uma característica importante da função referencial que era a objetividade, a clareza para transmitir uma idéia, visto que esse tipo de função é muito utilizada, por exemplo, em textos jornalísticos.

E as aulas prosseguiram dessa forma com os outros quadros e as outras funções.

Pode ser observado através das feições dos alunos que eles sentiam-se muito importantes à medida que concluíam determinadas características por si só.

Pode ser observado que ao final das aulas os alunos perguntavam a professora quando ela traria mais imagens, de quem eram aqueles telas, quando haveria outra aula assim.

Nota-se que os alunos gostaram muito dessa nova forma de comunicar e desse novo processo de ensinar utilizado pela professora Daisy, aplicando a teoria sócio – construtivista de Vygotsky.

[..] se o meio ambiente não desafiar, exigir, estimular o intelecto do adolescente, esse processo poderá se atrasar ou mesmo não se completar, ou seja, poderá não chegar a conquistar estágios mais elevados de raciocínio. Isto quer dizer que o pensamento conceitual é uma conquista que depende não somente do esforço individual mas principalmente do contexto em que o indivíduo se insere, que define, aliás, seu ponto de chegada. (Rego, 2003, p. 79)

Ficou claro, ao assistir essas aulas, que o uso das imagens foi um grande gerador de debates e que só a partir das opiniões serem expostas é que se começou o processo de conclusão dos conteúdos. Sendo assim, pode-se

argumentar que o conceito de sócio-construtivismo foi perfeitamente aplicável, mesmo em turmas numerosas como as do Colégio Naval. Os alunos demonstram o tipo de ação “partilhada”, conforme diz Rego:

[...] na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas.

O paradigma esboçado, sugere, assim, um redimensionamento do valor das interações sociais (entre os alunos e o professor) no contexto escolar. Essas passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimento por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitam o diálogo, a cooperação, a troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes... Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (Rego, 2003, p. 110)

A fim de confrontar se esses mesmos aspectos seriam observados em aulas em que as imagens não eram utilizadas, assisti uma aula que falava sobre os elementos estruturais da narrativa e a funcionalidade dos gêneros textuais.

Nas cinco turmas foi utilizada apenas uma imagem ao final de cada aula, ou seja, a aula foi praticamente toda expositiva com a professora falando, explicando e concluindo o conteúdo para os alunos.

As reações dos alunos a esse tipo de aula foram bem diferentes do observado anteriormente. Não demonstraram a atitude interessada, participativa, debatedora de antes.

Em relação aos procedimentos de análise adotados por essa pesquisa no anexo 6, pode-se perceber que as turmas estavam, de um modo geral, muito apáticas, fazendo pequenas atividades paralelas. Era possível notar os alunos brincando com seus chaveiros, com tampinhas de caneta, com pulseira de relógio. Enquanto os textos iam sendo mostrados nos slides, os alunos olhavam para todos os cantos da sala, exceto para a projeção do texto. Tal situação só não acontecia quando eventualmente a professora solicitava que algum aluno fizesse a leitura do slide para a turma. A turma 14, então, demonstrava de forma muito clara estar entediada. Nesta turma foi notado que os alunos constantemente ficavam olhando para o relógio.

Enfim, essa foi uma aula na qual as conversas paralelas aconteceram, a professora precisava constantemente pedir aos alunos que ficassem em silêncio e pouquíssimos foram os casos de alunos que levantaram a mão para participar independente da solicitação da professora.

Um outro fato que também chamou atenção foi o número de alunos dormindo e bocejando. Como já foi dito anteriormente, é comum no Colégio

Naval que os alunos sintam sono além do normal, porém o professor tem a obrigação de mantê-los acordados. Diferentemente do que ocorreu na aula de funções da linguagem, nesta sobre estruturas da narração, vários alunos dormiram, bocejaram e a professora precisou inclusive pedir a alguns alunos que ficassem de pé no fundo da sala para que se mantivessem acordados. Outras vezes, a estratégia era solicitar ao aluno que lesse o slide para que também ficasse acordado.

Apesar de o texto *Conversinha Mineira* ser bastante interessante, não foi o suficiente para que os alunos tivessem a mesma participação efetiva que da outra vez.

Um aspecto importante de ser observado é o fato de que os alunos preencheram o questionário desta pesquisa assim que acabou essa aula de estruturas da narrativa e mesmo assim, nenhum deles citou essa aula na pergunta seis. Tal pergunta pretendia verificar qual dos conteúdos dados era de maior domínio por parte dos alunos.

Quando pedimos aos alunos que preenchessem o questionário ao final da aula, achei que de certa forma, pelo fato da aula ter acabado de ser dada, eles escolheriam esse tópico da aula que tinha acabado de ser dado para responder a pergunta final, mas surpreendentemente eles escolheram outras aulas bem anteriores a essa e que envolviam imagens.

Apenas foi notado um comportamento diferente nas cinco turmas quando a professora colocou uma imagem de um cachorro vestido de porquinho no slide²⁷. A intenção da professora era a de que os alunos escrevessem a que aquela imagem os remetia. Poderia ser uma lembrança, uma vivência, um dito popular. Dessa forma, segundo a professora Daisy, trabalharia a imagem para construir o sentido de toda uma aula. No entanto não me parece apropriado que ao final da aula se tente aplicar isso, pois muito do que foi dito pelo professor perde-se durante o processo de não atenção dos alunos.

Sem dúvida foi uma tentativa da professora de trazer a vivência, a experiência do aluno para dentro de sala de aula, mas parece-me que algumas questões deveriam ser retomadas partindo desse princípio na aula seguinte.

Retomando a análise da aula em questão, somente no momento em que a professora apresentou a imagem para as turmas é que o olhar de praticamente todos os alunos se voltou para o slide bem como a atenção deles.

Para concluir essa análise das aulas cito um trecho de Rego (2003,

27 Essa imagem pode ser vista, assim como toda a aula de estruturas da narrativa no anexo 9, pg 171

p.78) ao sintetizar as idéias de Vygotsky

[...] um conceito não é aprendido por meio de um treinamento mecânico, pouco pode ser meramente transmitido pelo professor ao aluno: “o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante a de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo”

5.3

A análise das imagens

Passaremos agora a analisar algumas das imagens apresentadas pela professora Daisy aos alunos durante as aulas sobre Funções da Linguagem. Essas análises seguirão os pressupostos teóricos apresentados no capítulo 3 associado a interpretação que os próprios alunos deram para a professora.

Essa parte da pesquisa pretende responder a terceira pergunta citada no início deste capítulo, ou seja, perceber se o aluno utiliza, mesmo que de forma inconsciente, os elementos citados por Kress e van Leeuwen (1996) para análise de imagens. O termo inconsciente foi empregado pelo fato de não ter sido mencionado aos alunos nenhuma das categorias propostas pelos autores acima para a interpretação dos slides apresentados. O objetivo mais geral da pergunta é de, através da busca por indícios de conhecimento da linguagem visual, saber se poderia ser feito um trabalho de leitura visual a partir do pré-conhecimento dos alunos. O propósito do uso de imagens seria de reforçar a aprendizagem através da multimodalidade, o que levaria os alunos a perceber com mais clareza a diversidade de formas de expressão da experiência social.

Uma das imagens selecionadas pela professora Daisy para trabalhar a função poética foi esta tela de Jim Warren.



Nesta imagem existem muitos detalhes que podem ser observados. É uma imagem bastante pertinente para trabalhar função poética, uma vez que os elementos foram colocados de forma a dar a cada um deles um valor singular. Para cada espaço que se olhe, percebe-se algo novo, revelando recursos imaginativos criados pelo emissor. É uma imagem sugestiva e metafórica.

Em termos da gramática da linguagem visual, a tela poderia ser dividida em dois planos distintos. Primeiramente é necessário imaginar uma linha horizontal dividindo a tela em dois planos. De acordo com Kress e van Leeuwen (1996), a parte superior da tela seria o plano Ideal e a inferior o Real. Partindo desse princípio, pode-se interpretar que a realidade da tela é que a mulher lê um livro (plano Real) e imagina uma cena de amor. Tal imaginação é inferida pela representação do casal das nuvens no plano Ideal.

Apesar dos alunos não terem essa concepção de Real e Ideal, eles conseguiram alcançar esse raciocínio ao dizerem:

- *“Professora, essa moça está se imaginando com o rapaz das nuvens.*

Provavelmente este é o lugar onde ela gostaria de estar com ele”.

Ou ainda:

- “Professora, o casal nas nuvens pode ser a representação do desejo dela, a partir

da leitura do livro.

Outros alunos não perceberam o casal nas nuvens, mas também fizeram inconscientemente essa leitura dos planos Real e Ideal. Esses alunos partiram do princípio que a leitura pode criar na mente do leitor vários cenários. Para eles, nesse momento da leitura, é criada da mente da mulher uma idealização de uma paisagem natural com cachoeira, cavalos e montanhas.

Uma outra divisão dessa tela pode ser feita ao traçarmos uma linha vertical, separando o lado esquerdo do direito. Segundo os autores já citados acima, separando os planos do que é Dado e do que é Novo.

Observando a imagem, o Dado seria representado pelos dois cavalos cavalgando na água. Ao passo que no lado direito (Novo) estaria a informação inédita, isto é, o cavalo feito a partir do movimento das águas.

Tal fato foi de certa forma observado por alguns alunos. Eles disseram que dentro do universo da leitura que a mulher está fazendo pode haver a menção a vários cavalos, uns passíveis de existência e outros não. Esses alunos só não observaram essa questão dos lados em que os cavalos aparecem. Essa informação para eles ou foi irrelevante ou passou despercebida.

Com relação ao movimento da água, este traça um vetor em direção ao corpo da mulher. Nesse sentido, a água exerce a função de Ator e a mulher de Alvo, pois a ação é direcionada a ela.

Esse movimento das águas é notado pelos alunos, mas como eles não têm o conhecimento específico técnico esse processo de Ação da narrativa representacional, a interpretação deles foi a seguinte:

- “Mestre, eu acho que a mulher está tão envolvida com a leitura que acaba sendo coberta pelo próprio cenário que imagina

A próxima imagem a ser analisada foi uma propaganda com o Fausto Silva, apresentador de TV, feita há muitos anos atrás. Não foi possível descobrir a fonte desta imagem, para resgatar a época em que a propaganda foi divulgada.

Esta propaganda também foi mostrada aos alunos para trabalhar a função poética.



A intenção da professora Daisy com esta imagem era trabalhar a linguagem figurada do slogan: “Livre-se da velha”. No entanto, como pesquisadora-professora, eu perguntei aos alunos o que mais chamava a atenção deles. Praticamente todos os alunos responderam que o aspecto mais chamativo era a imagem do Faustão. Questionei o porquê, uma vez que o slogan estava escrito com todas as letras maiúsculas e uma vez que a professora já havia chamado a atenção deles para o aspecto lingüístico. Os alunos responderam, então:

–“Professora, mesmo assim, olha, só! Parece que o Faustão fica olhando pra gente. Não tem como não olhar pra ele”.

Nota-se ainda, apesar da imagem em tons de cinza que a palavra Bosch, referente a marca do produto, esta em uma tonalidade diferenciada das demais palavras, mas tal saliência (como é chamado esse processo por Kress e van Leeuwen, 1996), não foi o suficiente na opinião dos alunos.

O que os alunos não demonstram saber é que o Faustão apresenta

nessa imagem um olhar de Demanda, aquele direcionado para o observador da imagem. O participante representado não foi fotografado com uma distância pessoal íntima (a que trata do close, mais comumente conhecido), mas sim numa distância social íntima. Entretanto esse fato não diminui a atenção para o olhar de Demanda. Além disso, a foto foi tirada com um ângulo frontal, o que provoca um alinhamento entre o participante representado e o interativo (nós, observadores). Voltando à resposta dos alunos, nota-se alguns elementos que se inserem na análise visual, a saber, o olhar de Demanda e o alinhamento sugerido por “não tem como não olhar pra ele” na resposta dos alunos

Para falar sobre função metalingüística, aquela que se concentra no código e que usa a linguagem para falar dela mesma, a professora Daisy selecionou a tela de Velasquez abaixo. Nesta tela percebe-se o código falando sobre ele próprio, ou seja, o espaço de uma tela retratando a própria arte de pintar.

Para a análise desta tela, algumas partes delas serão recortadas para serem mais bem observadas.



Nesta obra de Velasquez podem ser notadas interações entre os participantes representados num processo de Ação. Para esclarecer melhor esse aspecto será apresentado a seguir um pequeno recorte da tela.



A menina da esquerda traça um vetor com os braços à medida que os direciona para a menina da direita. A menina da esquerda, então, funciona como Ator nessa narrativa representacional e a outra, da direita, como Alvo. Pode-se ainda notar o processo Reacional acontecendo, ou seja, olhar direcionado de uma para outra fazendo com a menina da esquerda, além de Ator, seja também Reagente, uma vez que é dela que parte o vetor através dos olhos. Por sua vez, a menina à direita tem o olhar virado para o participante observador, não para a outra menina na tela, sugerindo uma tensão entre as duas e ao mesmo tempo atraindo o observador para a ação entre as duas. Nota-se ainda que um quadro como um todo apresenta uma tonalidade escura, mas há uma luz que incide sobre a participante representada de vestido claro, direcionando para ela uma

certa saliência.

No corte a seguir também podem ser observados os processos tanto de Ação quanto o Reacional.



Nessa parte da imagem o vetor traçado parte da perna esquerda do menino em direção ao cachorro, que descansa. Dessa forma o menino é o participante representado com Ator e o cachorro como Alvo. É possível também perceber que não só a perna, mas também o olhar do menino está direcionado para o cão. Assim, o menino é também Reagente. Não há interação entre os participantes representados e o interativo.

No corte abaixo a interação estabelece-se pela inclinação do tronco da menina da direita em relação a menina da esquerda. Como já visto anteriormente, este vetor faz da menina inclinada a participante representada como Ator. No entanto, diferente dos outros cortes observados, o olhar da menina da direita é um olhar de Demanda, assim como alguns outros observados na tela inteira. Para visualização da tela cheia, pode-se observá-la no Anexo 8.



Ao observar a tela toda novamente, notam-se como elementos salientes as meninas, pois estão representadas em primeiro plano, além de três delas possuírem esse olhar de Demanda para os representantes interativos.

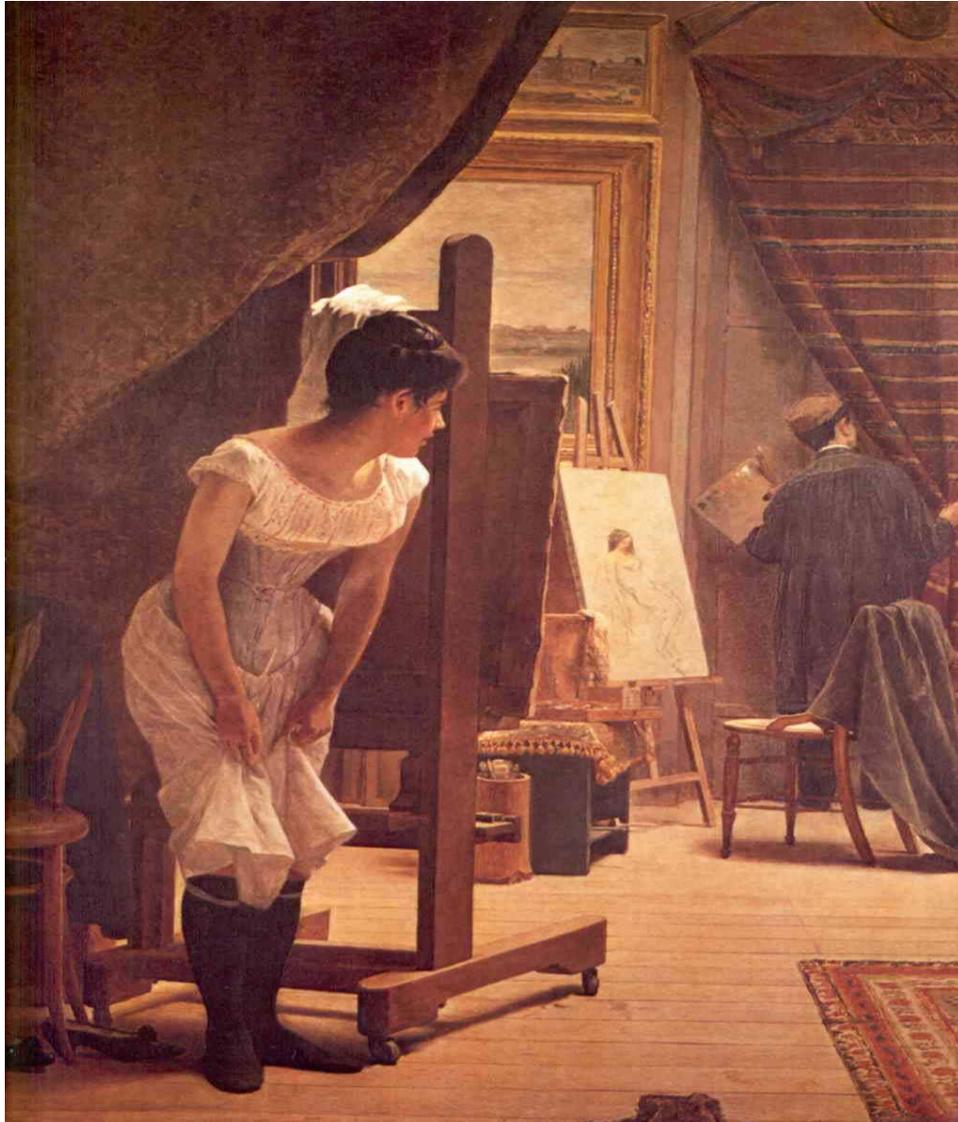
Ao mostrar essa tela para os alunos, a professora logo perguntou o que mais lhes chamava a atenção, eles responderam, de forma muito surpreendente para nós duas:

- *“Mestre, o que chama a atenção é que esse é um quadro que tem outros quadros no fundo”.*

Os alunos não mencionaram as meninas, não mencionaram o homem de pé na porta, que apesar de estar no plano de fundo, possui uma certa iluminação sobre ele. Essa resposta parece sugerir que o ponto de partida da leitura visual pode variar de um aluno para outro e que, em função disso, os alunos podem colaborar com os seus olhares variados, para descobrir em conjunto os significados da tela. Por sua vez, o professor pode procurar desenvolver essa dinâmica entre os alunos.

Por fim será analisado o quadro “Importuno” de Almeida Junior, também mostrados aos alunos para trabalhar a função metalingüística.

Este foi mais um momento da aula em que os alunos surpreenderam-me.



Ainda seguindo os pressupostos de Kress e van Leeuwen (1996), é possível observar que nesta tela aparece um participante representado por uma mulher com destaque em primeiro plano. Essa mulher está praticamente nua para a época em que o quadro foi pintado (1899). Ao fundo tem-se um pintor e uma tela de uma mulher completamente nua com alguma luz incidindo sobre ela, ressaltando sua saliência.

Perguntei aos alunos o que eles observavam num primeiro olhar para esse quadro e quase todos me responderam que era a tela a fundo da mulher nua. Ou seja, novamente eles prestam atenção a elementos não tão salientes na

imagem, não dando relevância aos outros participantes representados ao redor.

A participante representada em primeiro plano lança um olhar para o fundo como estivesse desenvolvendo uma narrativa representacional com os outros, mas não se pode afirmar se seu olhar está voltado para a tela da mulher nua ou para o próprio pintor. Pelo fato da mulher estar em trajes bem íntimos para a época, poderia ser afirmado haver uma relação de circunstância, donde haveria certa proximidade entre ela e o pintor representado, ou ainda entre ela e o próprio pintor da tela original. Notemos ainda que a madeira pela qual a mulher tenta esconder-se funciona como um espécie de moldura, separando a tela em duas etapas.

A resposta dos alunos à minha pergunta sobre o que viram no primeiro olhar levanta uma questão sobre a análise proposta por Kress e van Leeuwen em relação a saliência. Os alunos focaram o objeto que ocupa um espaço pequeno e distante na tela, ao invés de focar a mulher no primeiro plano. Deve-se observar que, pela inclinação e ângulo do corpo e o olhar, a mulher leva o olhar do observador para o fundo da tela, e isso pode ter sido um fator que contribuiu para a resposta dos alunos. De qualquer forma, é pertinente dizer que o conceito de saliência não parece criar significado visual em si só, mas em colaboração com outros aspectos da composição e da representação da imagem.

Após as análises dessas imagens, pode-se concluir que os alunos demonstraram ter um olhar voltado para certos detalhes, mais do que uma capacidade de fazer uma ampla leitura visual. Porém, pelas atividades realizadas nas aulas observadas, não foi esperado uma plena manifestação de conhecimentos. Ao invés disso, o objetivo foi de detectar indícios de conhecimento da linguagem visual no processo de aprendizagem, e nesse sentido a pesquisa conseguiu achados significativos.

Um outro ponto a levantar é a postura da Professora Daisy. Percebi que quando ela pede para que eles explorem os quadros, ela simplesmente aceita o que eles expõe e não procura chamar atenção para outros detalhes. Se é interesse do professor que os alunos se tornem observadores e críticos em relação ao que lêem e o que vêem, é necessário que os estimulem a penetrar em algo que estejam atentos. No entanto, Professora Daisy parece adotar a postura de não controlar nesse sentido, e assume o papel de um integrante no processo de aprendizagem, deixando prevalecer as opiniões dos alunos.

Através das análises dos questionários foi claramente identificado que os alunos estão muito abertos a esse novo procedimento de trabalho, em sala de

aula, com o texto visual. Além disso, eles mesmos justificaram que as imagens dinamizam a aula e geram debate, o que é importantíssimo para a perspectiva sócio-construtivista.